

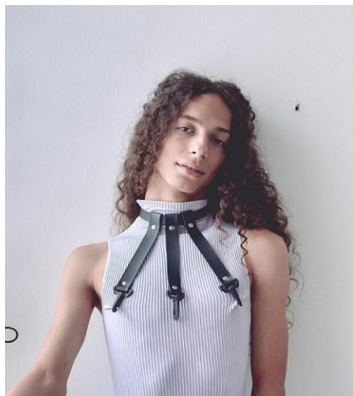
**Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis)
Revista Discente Outras Fronteiras**

Dossiê: Gênero, Interseccionalidade e Subjetividade

Entrevistadores: Antônio Leôncio Barros de Lima¹, Ariadne Marinho² e Thiago Costa³

ATRAQUE: SUBVERTENDO O (CIS)TEMA. VAMOS FALAR SOBRE TRAVESTILIDADE?

Entrevista com Angie Hope, Luísa Lamar, Lupita Amorim, Raphaely Luz e Sophie



Angie Hope. Nascida em Várzea Grande, cidade vizinha a Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, atualmente é acadêmica do curso de Física na Universidade Federal da Grande Dourados-MS. Atuante da cena LGBTQIA+.



Luísa Lamar. É cantora, compositora, atriz e produtora cultural em formação pela Escola de Teatro de Mato Grosso. Cuiabana de nascimento e chapadense de criação, tem boa parte da sua formação musical na ex-cidade verde. Participou da segunda montagem da peça “Cabaré Ah! BerrAção”, em 2019, e do seriado nacional “Insustentáveis”, disponível na plataforma de *streaming* “Amazon Prime”, filmado em 2016.



Lupita Amorim. Multiartista, atriz, dançarina, poetisa e graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso. Utiliza o espaço acadêmico e artístico para construir novos significados para a sociedade a partir da minha voz sobre a negritude e travestilidade.

¹ Docente da Seduc/MT. Graduado em História e mestre em Estudo de Cultura Contemporânea pela UFMT

² Doutoranda pelo Programa de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Docente do IFMT – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Fronteira Oeste/ Poste e Lacerda. Doutorando em Estética e História da Arte pela USP.



Raphaely Luz. Nascida em Brasília, sou militante há 15 anos dos direitos TLGBQ+, ativista, atriz e roteirista. Organizei em 2012, junto a ANAV-TRANS (Associação do Núcleo de Apoio e Valorização à Vida de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Distrito Federal e Entorno), o ENTLAIDS XIX (Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta e Prevenção à AIDS) na cidade de Brasília. Hoje formada em Serviço Social, a primeira *trans* formada na área pela UFMT, motivo da minha ida a Cuiabá em 2015, quando iniciei minha graduação. Hoje me situo em Cavalcante-GO.



Sophie. É mulher Trans negra, cuiabana, cantora lírica, compositora, estudante de licenciatura em Música, modelo, miss Chapada dos Guimarães Trans 2020. Atriz de teatro musical pelo *OnBroadway* e militante pela causa LGBTQIA+. Ela viu na música um refúgio. Com base nisso, Sophie foi se construindo e se mostra uma artista incrível e dona de uma voz linda e cativante.

- 1) [ROF] Conte-nos como foi o processo de afirmação da sua identidade de gênero. Durante a descoberta da sua orientação sexual, você sofreu repressão de seus familiares ou obteve apoio?

Angie – Não tive muito apoio no geral em muitas outras áreas da minha vida. E com minha transição não foi muito diferente. Mas, diga-se, isso meio que já preparou o território e me fez buscar outros tipos ou pessoas que pudessem, de certa forma, me apoiar. Me fazer crescer.

Lamar - Foi tranquilo, desde sempre. Me “assumi” homem gay para meu pai aos 11 e foi tranquilo. Mesmo ouvindo algumas piadinhas, não perdi seu apoio, respeito e nem carinho e presença em minha vida. Cresci numa casa com 4 homens, 3 irmãos e 1 pai. Minha mãe morreu antes de eu sequer pensar em sexualidade ou identidade de gênero, quando eu tinha 10 anos. A primeira repressão que senti clara na minha família foi aos 15 anos, quando meu tio, à quem eu tinha como um grande amigo – e depois de eu ter conversado com o meu pai sobre eu me identificar enquanto pessoa trans e, portanto, com todas as outras pessoas ao meu redor –, virou para mim e disse: “Você nunca será uma mulher bonita, e vai ser sempre uma

vergonha pro seu pai”. Aquilo destruiu o meu espírito, me levou anos. A experiência de quase perder esse mesmo tio para a depressão que me fez conversar com ele novamente e tentar reconstruir aquela relação, que já havia sido ótima.

Lupita - Foi um processo bem árduo e difícil de se compreender. Pois, olhando hoje para trás parece que eu já tinha as respostas para quem eu era e o que eu sentia. Mas, na verdade, é que naquele momento havia as dúvidas. Dúvidas oriundas de um sistema que sempre me mostrou que eu deveria odiar tudo que eu estava me tornando, descobrindo aos poucos que meu desejo era repulsivo, segundo tudo que era mostrado na mídia, e reproduzido pelas pessoas ao meu redor. Sofri com repressão da família, devido à questão religiosa, que obrigou minha família a detestar quem eu era, mesmo eu estando na igreja. Demorou para vir o apoio. Só chegou quando saí da igreja e consegui mostrar, provar para as pessoas da minha família que eu estava me tornando quem eu gostaria de ser, e teriam que me respeitar.

Raphaely - Meu processo de afirmação foi primeiramente sexual. Aos 12 anos notei que tinha atração por heterossexuais cis. Porém, a minha afirmação no núcleo familiar foi aos 15 anos, quando enfrentei as diversas dificuldades na minha família, materna e paterna. Os dois lados são bem conservadores, católicos apostólicos romanos, tradicionais, daqueles que vão ao culto todo domingo e, por isso, não aceitaram com facilidade a minha sexualidade. Isso causou a minha saída cedo do seio familiar e o abandono escolar. Quando me identifiquei como transexual já estava afastada da minha família, tracei um longo caminho para hoje ter o apoio do lado materno. Porém, com a minha família paterna não obtive sucesso algum, e até hoje não tenho contato com eles.

Sophie - Durante minha infância, eu já me via de forma diferente em comparação aos meus coleguinhas da pré-escola. Eu gostava de um garoto que ia comigo na van escolar, e aí eu já sabia que isso seria complicado. Me escondi durante a infância e a adolescência toda, mas dei uns deslizes. As pessoas ao meu redor notaram que eu era diferente e me cobravam um comportamento mais “ másculo”, digamos assim. Aos 13 anos me assumi gay para meus pais, minha família é católica, então foi difícil. Mas, mesmo não conhecendo muito sobre a transexualidade, desde antes disso eu já me entendia enquanto uma “menina” e me sentia confortável quando minhas amigas me tratavam no pronome feminino. Então, achei que seria mais fácil dizer aos meus pais que eu era gay. Como o esperado, eu sofri muitas críticas da

família, perdi uns amigos, mas superei. Com o tempo, eles foram me aceitando. Com o ambiente mais tranquilo, aos 16 anos, me assumi enquanto mulher trans para minha irmã mais velha, motivada pelos meus amigos. Ela me ajudou a conversar com nossos pais e foi muito mais difícil. Pois, eles tinham para si a imagem de mulheres trans como promíscuas, perigosas, indecentes, que só faziam programa. Perguntaram se era isso que eu queria me tornar, então eu tive que explicar tudo sobre o assunto para eles: o motivo de nós sermos colocadas nas esquinas, pois sempre é nos negado oportunidades, sobre minha identidade, ser quem eu sempre fui e não quem quero me tornar, e que eu esperava contar com o apoio deles. Se não fosse assim, então eles não poderiam mais me ter por perto, pois eu já estava cansada de me esconder. Foram longos anos após isso, tendo que sair com roupas escondidas na mochila e me trocando na casa de amigos, para que minha família não visse; pois, meus pais pediram um tempo. Mas logo todos perceberam e passei a sofrer transfobia em casa por parte do meu irmão mais velho, o que me motivou a sair e morar com amigas e a morar sozinha por um tempinho. Alguns meses depois fui procurada pela minha irmã, ela disse que havia conversado com nossos pais e que eles queriam conversar comigo. Após a conversa com eles, eu voltei para casa. Enfim, comecei a ter o apoio da família na minha transição.

2) [ROF] Como é ser mulher trans num (cis)tema heteronormativo tão brutalmente violento? Na prática, como você se posiciona em relação à regulação de gêneros não binários?

Angie - Bizarro. Desde minha transição, não sei como é andar livremente na rua sem ser notada. Embora eu seja ridiculamente bonita, não acredito que sou notada muitas vezes de maneira positiva.

Lamar - É viver em isolamento social, como bem pontuou Linn da Quebrada recentemente. Por isso dizemos que as pessoas trans já estavam em quarentena antes da pandemia. Eu sinto medo de sair na rua sozinha, em qualquer horário, seja por qualquer motivo, mesmo o mais básico que seja, nunca sei se vou voltar viva para casa. O que tenho certeza é de que eu passarei por alguma situação desconfortável em público: assédio sexual, agressão verbal, transfobia, perseguição, e até toque íntimo sem a permissão. Essas são coisas que permeiam o meu dia-dia. Sou a favor [de políticas públicas para a regulação de gêneros não binários], pois acredito que a derrubada da instituição binária de gênero na documentação oficial dificultaria que soframos assédios ao ter que apresentar nosso CPF/RG. Além de ter uma importância política, que vem sendo travada desde a primeira onda do feminismo, que é a

libertação dos corpos (principalmente dos corpos afeminados e dos corpos fêmeas masculinizados, sejam esses homens trans ou mulheres lésbicas que não atendam ao padrão de feminilidade imposta pela sociedade), a partir de uma legislação que nos permita ser quem somos de maneira subjetiva, legal e individual.

Lupita - Ser uma travesti preta, periférica e não binária, mas que devido a muito trabalho e esforço de todas as mulheres da minha família me possibilitou estar na universidade, é ter que responder as violências do dia-a-dia com muito trabalho. Ter que ser três vezes melhor na expectativa de conquistar lugares, que por mais que sejam muito desejados, na prática é mais difícil. Me posiciono diariamente afirmando minha identidade, infelizmente sabendo que fico mais suscetível a lidar com as violências em espaços como a rua daqui de casa, o ônibus, terminal de ônibus e avenidas no centro da cidade. Saio de casa sem saber se vou voltar.

Raphaely - Ser uma pessoa que não segue as normas de gênero nessa sociedade é algo muito complicado, tudo é mais difícil para gente: emprego, educação e afeto. Isso leva muitas pessoas trans a desistirem de suas vidas no decorrer do processo, pois não é um caminho fácil de trilhar. Para me entender e ocupar minha mente sempre busquei na militância um lar, desde nova sempre me envolvi em questões sociais que me chamavam atenção. Hoje sei que não foi fácil estar onde estou, nem gosto de ser exemplo para outras, pois nesse processo obtive ajuda de muitos desconhecidos no caminho. Penso que minha posição privilegiada enquanto branca, de família classe média, me ajudou bastante a estar onde cheguei. Uma coisa que sempre ouvi da minha mãe, com preconceito ou não, foi: “estuda”! E assim o fiz. Hoje não me afirmo mais como mulher trans, por não querer reivindicar esse local/papel social, me identifico hoje como um terceiro gênero, como já aceito em outros países, como Canadá e Austrália. Em minhas palestras me identifico como travesti não binária, por reconhecer este como meu local, enquanto marginalizada e anômala dentro das normas de gênero. Vejo este local enquanto não só uma identificação pessoal, mas política também. Compreendo que existe uma transfobia estrutural e esse termo “mulher trans”, polido, ao meu ver é só uma forma de adequação dessas ‘corpas’ anômalas a este modelo heterocisnormativo binário que tanto desprezo.

Sophie - É sufocante. É temer por coisas que antes da transição você fazia de olhos fechados, como sair de casa para ir ao mercado, pegar um ônibus, conhecer pessoas novas, etc... Temos incansavelmente que provar nosso valor e nossa capacidade de fazer qualquer coisa, e às

vezes até melhor que uma pessoa cisgênero. E ainda tudo nos é negado, mesmo assim, simplesmente por causa da nossa identidade. É não ser levada a sério e ser vista apenas como um corpo usável, descartável, substituível pela sociedade; é ser assediada, objetificada, hiperssexualizada, humilhada, invisibilizada e, em muitos casos, assassinada. Ser assediada por esses mesmos opressores é ter nossa identidade invalidada pelo *cistema*, mas na calada da noite, na *internet* ou nas esquinas, eles nos procuram e até ficam de joelhos ao nos chamarem de deusas. É muito revoltante. É nojento ter que lidar com isso, muitas encerram a própria vida antes que o *cistema* o faça. Mas quando paramos para pensar em tudo que construímos nesse processo, nas pessoas que inspiramos, do que somos capazes, do quão forte somos, do que suportamos, ficamos felizes. Pois, mesmo que passemos por tudo isso, estamos felizes ao ver a pessoa que nos tornamos ao nos olharmos. Ao ver o apoio e amor que recebemos das pessoas do nosso convívio, o respeito dos colegas de classe, o reconhecimento pelas nossas conquistas, tudo isso nos motiva a continuar lutando. Quanto a imposição dos gêneros binários, eu procuro conversar com a pessoa e explicar todo o conceito de gênero que nos é imposto desde nosso nascimento. E tento fazê-la compreender que vai muito além disso. Se a pessoa for sensata é mais fácil, se é ignorante e se baseia em biologia, bíblia e órgão sexual, eu apenas me distancio e deixo-a falando sozinha com sua limitada capacidade de compreensão.

3) [ROF] Qual a importância do debate “Gênero, Interseccionalidade e Subjetividade” na academia e na sociedade?

Angie - Essa para mim é uma das questões mais difíceis de responder. Não tenho muito conhecimento sobre, mas certamente é importante. Apenas com árduos debates poderemos corrigir tais perspectivas equivocadas.

Lamar - Para mim, a importância de se discutir gênero, interseccionalidade e subjetividade dentro da academia, é fundamental. Fundamental para que estudos empíricos e teóricos, ideias e vivências, que permeiam a universidade, sejam polidos e possam ser usados como instrumento de transformação social. O que nos leva a essa discussão em sociedade, que pode e deveria ser vinculada através da mídia, como TV, rádio e internet; e nas ruas, levar essas discussões para pessoas que não estão inseridas em nenhuma forma de estudo (universidade, escola, cursos, etc) é fundamental para que a transformação social realmente aconteça. Pois é

a sociedade a detentora da força do mundo. Acredito que nós temos tudo para mudar o mundo, só precisamos criar pautas que sejam comuns para todos.

Lupita - O debate se mostra necessário para compreender e pensar formas de intervenções para aquel@s, que devido a estrutura social da sociedade, se encontram em maior vulnerabilidade. Sabe-se que na nossa sociedade capitalista, lgbtfóbica e racista, podemos visualizar que as que se identificam e reivindicam seu lugar na sociedade enquanto travestis pretas estão na base da pirâmide social. Estudos de interseccionalidade se mostram necessários para pensarmos políticas públicas a fim de superar essa desigualdade, que é visível em todas as esferas da sociedade.

Raphaely - Como diz Jaqueline de Jesus, “O movimento trans tem muito a aprender com o movimento negro”. E isso para mim é a definição de interseccionalidade e como podemos aprender e crescer enquanto sociedade por meio da compreensão de toda a diversidade que existe. E como elas se transpassam às outras demandas de cada categoria da população. Penso que temos que construir um mundo que respeite todas as diversidades, sejam elas de gênero, raça, idade, sexualidade etc... E este debate de gênero interseccionalidade e subjetividade abrange tudo isso. Quanto mais tivermos esse debate na academia, na sociedade, no nosso meio pessoal, mais iremos conseguir quebrar os dogmas e os estigmas criados para nos padronizar e controlar. Quando observo a história e vejo que sociedades padronizadas só levaram a regimes autoritários, fascistas, logo quero um mundo bem distante dessa realidade.

Sophie - Uma importância tremenda. Já somos tão invisibilizadas, temidas, maltratadas, ofendidas só pelo fato de muitos deles não compreenderem com o quê estão lidando. Seria muito mais fácil discutir sobre isso e levar o conhecimento a todos, abrindo assim muitas portas para nossa população T; facilitando também muitos outros a se descobrirem e não temerem quem são. Isso diminuiria significativamente o número de mortes de pessoas trans, seja por transfobia, seja por suicídio. Teríamos um melhor acesso a saúde, com profissionais capacitados a lidarem conosco, evitando assim o tratamento hormonal por conta própria e consequentemente as doenças que isso pode desenvolver. Teríamos acesso ao mercado de trabalho, saindo assim das esquinas; a marginalização dos nossos corpos seria muito menor. Teríamos acesso à educação, poderíamos andar tranquilamente pelas ruas a qualquer hora do dia e seríamos respeitadas. Esse diálogo poderia transformar tudo isso.

- 4) [ROF] Em sua perspectiva, a falta de oportunidade no mercado de trabalho formal e condições de permanência em instituições de ensinos, somados ao preconceito social, são os principais fatores que levam mulheres transexuais e travestis a entrar ou recorrer ao mundo da prostituição? Existem outros fatores que queira destacar?

Angie - Digamos que o preconceito social seja o fator determinante, uma vez que eu o sofra dentro de uma instituição de ensino, nas ruas ou até mesmo quando procuramos por trabalho formal. Isso nos deixa a pensar que se não vendermos nossos corpos, não teremos nada e, afinal, esse é um sistema capitalista, no qual se não tivermos dinheiro não teremos nada.

Lamar - A resposta é sim e não. Só pela minha perspectiva, mas a partir de dados científicos e de vivência e estudo empírico. Eu, apesar de privilegiada por ter tido o apoio da minha família, já tive que me prostituir para não pedir dinheiro à minha família; pois tinha muitas dificuldades em conseguir empregos na área formal de trabalho. Mesmo tendo um ótimo currículo, já vi trabalhadores que não tinham a mesma carga conseguirem a vaga ao concorrer comigo. Além disso, tudo em nossos corpos passa a ser hipersexualizado a partir do momento da transição. Me lembro até hoje das primeiras situações de sexualização do meu corpo, ainda aos 15 anos, quando transicionei. As pessoas pressupunham automaticamente que eu fosse prostituta quando eu dizia que era travesti, e eu demorei a entender o porquê.

Lupita - A negação do acesso e permanência na educação no ensino fundamental e médio para mim se mostram enquanto um dos fatores que causam essas desigualdades tão presentes na vida de pessoas trans. Para além das outras questões referentes ao Estado, que diariamente tenta nos matar através de todos os meios, e por vezes consegue. Pela educação de qualidade, eu acredito na mudança dessa situação que presenciamos, e que por muitas vezes é naturalizada. Ver pessoas trans em situação de vulnerabilidade na nossa sociedade é vista enquanto um local que nos pertence. Mas nós diariamente recusamos esse lugar e felizmente, aos poucos, com muito esforço e através de luta, temos conseguido alguns avanços. Entretanto, tem muito mais para ser conquistado.

Raphaely - Este é sim o principal motivo, mas não o único. Como já disse, a transfobia é estrutural, e para compreender esse processo temos que olhar toda conjuntura, algo que o meu curso de serviço social me ensinou bem. Então, vamos lá. Primeiro, essa sociedade é

controlada por quem? Homens héteros cis brancos. O que nós, enquanto transexuais, representamos para essas pessoas? Primeiro, somos vistas como alguém que renegou seu privilégio masculino. E essas pessoas para esses homens são o quê? São entendidas como “mulherzinhas”, um termo utilizado pela maioria dos homens quando vê que outro homem não se adequa ao modelo heteronormativo cis. Aqui já vemos uma misoginia imposta por essa sociedade machista. Pois, o homem inferior é considerado uma “mulherzinha”; logo, mulher para eles é algo inferior. Porém, não somos “mulherzinhas” comuns para eles, não somos aquelas com quem irão se casar, construir família e apresentar para sociedade. Somos aquelas que eles buscam na noite para realizar seus desejos e fantasias de infidelidade. Logo, estamos neste local não só por conta da falta de oportunidade, e sim porque o modelo heterocisnormativo nos quer neste local, como objeto do desejo sexual desses homens burgueses brancos.

Sophie - Sim, mas não podemos esquecer também da falta de apoio familiar, que é imprescindível. Pois, além da falta dessas oportunidades, nos é negado afeto, respeito, e por isso é importante ter alguém para nos amparar nesses momentos, seja de familiares ou amigos.

5) [ROF] A pesquisadora Helena Soares Meireles, do coletivo “Quilombelas”, afirma que ser mulher trans negra pode ser compreendido da seguinte maneira: “Nós vivemos sob um status de subalternidade, somos o corpo coisificado, o corpo fetiche, e, ao mesmo tempo, aquele corpo que é agredido à luz do dia, aquele corpo que é invisibilizado”. Essa realidade também cotidiana em sua vida?

Lupita - Eu estou em total acordo com a Helena Soares Meireles. Acredito que nossas vivências são atravessadas pelo fator da alta mortalidade da população trans negra, que infelizmente até hoje não houve redução desse impacto nas nossas vivências cotidianas. Para mim, o mais difícil de enfrentar na sociedade é subverter diariamente todas as afirmações transfóbicas a respeito do meu corpo. Então, quando eu chego num espaço majoritariamente branco e cisgênero, por vezes me sinto limitada por ser a única naquele espaço, e ter que enfrentar todas as questões que podem acontecer ali. Mas tento sempre ter em mente que independente de ser a única naquele espaço, eu preciso ocupar aquele espaço, entendendo que ocupar é também uma forma de subverter as opressões e construir outras narrativas em outros espaços para nós mulheres transexuais negras.

Sophie – Exatamente. A mulher trans e a travesti branca ainda são vistas de maneira mais “higienizada” pelo *cistema*. Muitas vezes, elas até têm acessos e oportunidades frequentemente negadas à população trans negra. Às vezes conseguem ocupar espaços que nós nem sequer conseguiríamos pisar. Enquanto os corpos negros são marginalizados, malvistas, fetichizados, agredidos e mortos em maior quantidade.

6) [ROF] Comente sobre sua vida profissional e acadêmica. Sua identidade de gênero é respeitada nesses ambientes?

Angie - Eu realmente acabei de começar minha graduação, não me sinto legal em afirmar nada ainda. Profissionalmente, posso afirmar com toda certeza que não, seja em um empreendimento privado, seja mesmo como assalariada.

Lamar – Sim. Tenho o grande privilégio de trabalhar no meio artístico, sou cantora profissional e estou cursando produção cultural. Então me vejo em situações com pessoas que tiveram contato com uma educação mais libertadora e que são, dentro de suas particularidades, engajadas com alguma causa.

Lupita – Sou auxiliada e bolsista na universidade, logo minha vida acadêmica é que me propicia ter dinheiro mensalmente. Atualmente, minha identidade de gênero é respeitada em alguns espaços devido a minha dedicação em construir uma imagem exigindo respeito. Porém, eventualmente passo por situações preconceituosas com pessoas conhecidas ou estranhos.

Raphaely – Sempre tive que me impor em todos os espaços. Sempre fui a primeira trans praticamente em todos os trabalhos que fiz ou os cursos que cursei. Logo, sempre foi árduo ter que reeducar um sistema para não me sentir violada de alguma forma. Sempre conquistei respeito através de batalhas nos locais que eu passei. Mas isso requer uma luta diária e constante, que gera um desgaste pessoal, físico e mental que não é para qualquer um. Eu sempre tive acesso a acompanhamento psicológico, penso que sem esse apoio não seria capaz de conseguir; até porque na minha juventude, por diversas vezes, passaram pensamentos suicidas – por já sofrer e ansiar a batalha que me esperava pela frente –. Mas hoje, com o conhecimento que obtive através de leituras e minhas vivências, me sinto realizada. Apesar de

saber que minha formação foi só minha primeira conquista rumo aos meus objetivos, agora sei que sou capaz de realizá-los, e que um dia vou conseguir alcançar o que sonho.

Sophie – Eu fazia arquitetura em uma universidade particular e era sempre complicado, desde entrar no ônibus para ir a aula, até andar pelos corredores da faculdade. Eu me sentia melhor dentro da sala de aula e no banheiro feminino, fora desses ambientes era como se eu fosse uma atração num zoológico. Eu era constantemente encarada e apontada pelos demais alunos, assediada; já cheguei a receber uma proposta para fazer programa com dois alunos no estacionamento. Isso foi tão nojento que depois disso não consegui mais ir à aula. Nunca mais pisei lá. Hoje sou matriculada em outra universidade e me sinto bem melhor, pois vejo mais pessoas semelhantes a mim.

- 7) **[ROF]** Em algum momento você já teve que ocultar sua identidade de gênero, se passando por um homem cisgênero ou uma mulher cisgênero, para participar de alguma atividade? Teve medo de se sentir discriminada por sua condição?

Angie - Sim, claro. Não sei dizer, mas minha mãe não me aceita até hoje. Eu morava com ela, mas meu guarda-roupas estava em outra casa, na casa de amigos. Eu parei de entregar currículos por não gostar de me apresentar com o nome que ainda me assombra em documentos zzzz.

Lamar – Sim, no primeiro trabalho formal que consegui aqui em Cuiabá, em 2019, em uma escola de cursos profissionalizantes com aulas virtuais. Era muito desconfortável não poder ser quem eu era, e a todo momento eu me policiava para agir de uma maneira que fosse mais “passável”, para que eu não tivesse nenhuma complicação durante a minha estadia no trabalho. Com o tempo passando, eu fui me abrindo para os outros funcionários e contei quem eu era fora dali; que eu era travesti, que cantava. Uma semana depois eles me pagaram e disseram que não precisaria mais voltar.

Lupita - Já sim, sobretudo em situações que envolviam mostrar meus documentos antes da retificação. Eram os momentos mais constrangedores. Mesmo estando com uma aparência feminina, devido aos meus documentos que não estavam retificados, eu me forçava a passar como homem, para não sofrer com transfobia. Mal entendia eu que aquela situação já era transfóbica, por me forçar a esconder minha identidade apenas por não estar de acordo com um pedaço de papel.

Raphaely – Sim. No início, para reatar laços com minha família, toda vez que ia encontrar meus avós paternos. Por mais que eles já soubessem da minha transexualidade, eu era obrigada a me vestir como um menino. Realidade que hoje não vivo mais, pois isto foi só durante o processo de reeducação dos meus familiares, para respeitar a minha transexualidade. Teve um momento na universidade, após a eleição do atual presidente, que eu estava caminhando para universidade e fui abordada por “bolsominions”. Para não ser agredida, retornei à minha casa e nesse dia não fui mais à aula. Depois disso comecei a me vestir de homem para não ser abordada na rua quando tinha que sair de casa. Foi um momento tenso na universidade, e o que mais me incomoda era o olhar de pena dos meus amigos. Apesar de não estar à vontade naquelas vestimentas, não era algo que me incomodava muito, pois sabia que era provisório e que aquilo era somente uma roupa. Mas os olhares, esses sim, me machucavam. As pessoas me olhavam como se eu tivesse desistido de algo, me entregado ao *cistema*, e para mim era só um subterfúgio para minha sobrevivência, que duraria até a conclusão do meu curso.

Sophie – Para participar de alguma atividade não. Na verdade, antes de avançar com a minha transição eu ainda tinha uma “passabilidade” de homem, pois ainda me vestia com o que era imposto pela sociedade como “roupa de homem”.

8) [ROF] Seu maior medo?

Angie – Ficar careca.

Lamar – Cair de moto e me ralar.

Lupita – Definitivamente, é ser morta. Pois, para estar viva hoje eu já tive que matar dentro de mim a vontade de não querer ser quem eu sou, e demorou muito para conquistar minha autoestima, que é um dos meios que utilizo para me manter viva e tomar tudo que foi roubado de mim.

Raphaely – Hoje, devido a todas as violências que sofri, tenho muito receio de sair a pé sozinha na rua, em qualquer local. Apesar de ter feito defesa pessoal, cansei de ter que ficar me impondo feito animal selvagem, brigando na porrada por espaço e respeito. Logo, o meu

medo está nas estatísticas do nossos país, que tem o Brasil como o que mais mata transexuais no mundo, e em contrapartida o que mais consome pornografia trans. Vai entender?

Sophie - Meu maior medo é o que já estamos vivendo. Toda essa regressão, violência, desrespeito, injustiças que a população trans vem sofrendo e não vejo esperanças de que isso vá acabar tão cedo. A gente ouve muito que “essa geração vai salvar o mundo”, mas já vi muita gente da mesma faixa de idade que eu, até mais nova, falando e cometendo atrocidades contra nós. Eu não tenho mais esperanças de que tudo isso vá acabar. E o meu medo é esse: de que realmente não acabe, não melhore, não mude.

9) [ROF] Nos conte um pouco sobre sua opinião nesta questão: Você faz ou fez uso de hormônios ou conhece alguém? Em relação ao corpo e a hormonização, quais os benefícios e os malefícios?

Angie – Nós temos os benefícios de ver nossos corpos de maneira mais "suave", mais feminilizados, a mama realça e ganhamos alguns kg que formam algumas belas curvas. Mas a maioria de nós mal sabe o que vem nesses hormônios e vamos usando, pois é o que mais está ao nosso alcance. Eu uso hormônios dessa forma. Eu nunca tive a oportunidade de ir em um endocrinologista e saber se isso realmente está me fazendo bem. Existem meninas que nem sabem o que é isso.

Lupita – Eu atualmente não faço uso de hormônios, mas busquei o SUS para iniciar meu tratamento hormonal. No entanto, devido as opressões que eu sofri naquele espaço hospitalar, não consegui dar continuidade. Sei que a saúde é um direito de todas, garantido constitucionalmente. Mas na prática infelizmente mulheres transexuais negras são expulsas desses espaços, com as mais várias formas de violências, sejam elas físicas e/ou simbólicas. A automedicação, eu não recomendo para nenhuma menina que queria iniciar seu tratamento hormonal. Faço recomendação de que busque ajuda com aquelas e aqueles que encontraram pessoas na área de saúde dispostas a encaminhar pessoas trans negras para um lugar que a gente não seja discriminada, minimamente, porque compreendemos as violências estruturais que sofremos. Principalmente por não nos vermos nesse espaço hospitalar. Acredito que os benefícios sejam a adequação da identidade da representação feminina ou masculina como cada pessoa trans compreende e deseja, para além dos padrões sociais. Enquanto malefício, vejo que a maior preocupação é quanto a automedicação feita totalmente sem indicação, sem consulta à profissionais da saúde.

Raphaely – Atualmente, devido a minha experiência pessoal, que obtive com o uso de hormônio, não recomendo o uso de hormônio a outras pessoas. Primeiramente, não existe estudo científico aprofundando no uso desses medicamentos, o que pode acarretar em diversos problemas de saúde, físicos e psicológicos. Eu pessoalmente sofria constantemente com mudanças repentinas de humor, de um estado para o outro, como uma bipolar, durante o uso. Além de ter diversas crises de depressão. Após ter decidido não tomar mais esses medicamentos, me sinto mais constante e menos depressiva. Entendo o encanto do hormônio nas mais jovens. Hoje eu tenho seios e um corpo mais redondo devido a ele. Porém, o uso sem um acompanhamento endocrinológico eu não recomendo; e esse acompanhamento é de difícil acesso, tanto por questões financeiras como sociais, o que leva muitas amigas ao uso indevido. Mesmo com o meu alerta sobre as coisas que sofri.

Sophie - Eu faço uso de hormônios por conta própria. Tive auxílio de amigas no início para montar minha Terapia Hormonal, e estou em alguns grupos no facebook com mulheres trans do mundo todo, onde se discute sobre terapia hormonal. Há troca de ajuda e tem membros endócrinos que auxiliam muitas vezes. Mas não era esse o meu plano inicial, eu cheguei a procurar alguns endocrinologistas pelo plano de saúde e fui muito mal atendida. Dava para perceber que estavam tentando me jogar para outro profissional. Sempre diziam para “Não fazer terapia hormonal para pessoas trans”, e uma até recomendou me mudar para o Rio de Janeiro, pois lá havia um ambulatório trans. Eu fiquei chocada, pois se eu pudesse e tivesse condições para fazer isso, eu nem teria marcado a consulta.

10) [ROF] Como esse cenário de transfobia estrutural poderia ser mudado e quais iniciativas você pensa que podem ser realizadas?

Angie - Sei lá, talvez devêssemos começar punindo de maneira mais rígida quem comete crime de ódio contra nossos corpos. Sei lá, usar a cabeça de um deles como exemplo. Não que esse seja o jeito mais eficaz, mas uma vez que encurrarmos com a ideia de que se cometerem tais crimes eles serão severamente punidos, talvez esses números diminuam e assim possamos entrar com debates e, pasmem, um processo de humanização de nossos corpos. E quando eu digo que precisamos punir severamente, é porque quase não se é um crime matar uma travesti.

Lamar - Como disse inicialmente, acredito que apenas a vinculação na mídia e em propagandas, cartazes e momentos de conscientização, isso poderá acontecer. Com a internet, hoje a sociedade mudou de maneira gigantesca e o trabalho das empresas durante a quarentena vem mostrando para a gente quantas pessoas nós podemos atingir através dos aparelhos virtuais. As pessoas infelizmente pensam a partir do senso comum, e o senso comum é gerado a partir dessas mídias (além de igrejas, cúpulas, que também geram senso comum e em muitas situações incitam a agressão, o estupro, o assassinato, etc.).

Lupita - Iniciativas como o programa “Transcidadania”, que promove a reintegração social e o resgate da cidadania para travestis, mulheres transexuais e homens trans em situação de vulnerabilidade, deveria ter aqui em Cuiabá. Enquanto não há seguimos ocupando os espaços que estruturalmente dizem não ser para nós, pensando sempre em alavancar mais uma de nós para chegar nesses espaços também. Para além da representatividade, o importante é ter um futuro no qual não tenhamos mais que estar nesse lugar de vulnerabilidade.

Raphaely - Penso que existem muitas coisas que podem ser feitas pelo Estado para melhorar essa situação. Porém, como já coloquei, é do interesse daqueles que mandam que permaneçamos onde estamos, como objeto de fetiche. Mas em uma distopia onde não tivéssemos esse tipo de poder liberal conservador, uma das soluções seria termos um bom debate sobre gênero, raça e sexualidade nas escolas de ensino médio. Assim, poderíamos reduzir bastante a violência contra essas pessoas. Além disso, o Estado promoveria políticas públicas de apoio para essas pessoas deixarem a marginalidade da sociedade, por exemplo, como políticas de cota, política para inserção no mercado de trabalho. Em algumas cidades do Brasil isso já existe, como a rede Transemprego, que ajuda transexuais a arrumarem emprego em empresas que respeitam sua identidade. O reconhecimento do Estado sobre o terceiro gênero seria um salto gratificante para muitas de nós. Penso que se o Estado escutasse mais esta população poderíamos criar soluções viáveis para minimizar esse quadro de violências.

Sophie - Primeiramente, começar a conscientização desde a base. Sempre foi ensinado que nós somos inferiores e que nosso lugar é nas esquinas e presídios. Acredito que com a discussão sobre Transexualidade, inclusão, respeito, esse cenário mudará e a transfobia deixará de existir aos poucos. Não é pedir muito, estamos pedindo o básico!

11) [ROF] Como está sendo para você esse momento de isolamento social? Quais as suas maiores dificuldades no contexto da pandemia?

Angie - Tirando o fato de que atrapalhou todos os planos que eu tinha, está sendo um ótimo período.

Lamar - Sinto que nada mudou. Na verdade, o meu dia-a-dia tem sido mais tranquilo, tenho recebido ajuda com cestas básicas de algumas ONGs e trabalhado com a minha arte a partir de editais emergenciais que têm surgido devido a pandemia. Me sinto segura dentro da minha casa e é o local onde me sinto mais confortável e bem.

Lupita - As maiores dificuldades estão relacionadas ao financeiro, porque com a pandemia surgem outras despesas que fogem de uma organização – já que não tínhamos como nos preparar para esse momento que escancara as desigualdades raciais e sociais que já existiam no Brasil e são acentuadas em uma pandemia –, sobretudo por conta do desgoverno que não constrói políticas públicas visando trazer estabilidade para pessoas como eu.

Raphaely - Novamente sou muito privilegiada até nesta situação. Hoje, como tenho boa relação com meus familiares maternos, não me falta nada. Me formei no momento exato antes da pandemia e consegui vir para a Chapada dos Veadeiros (Goiás), onde reside minha mãe. Logo, estou isolada em um local com poucos habitantes, onde só temos um caso de COVID e que já foi curado. Aqui temos casa própria, então não pago mais aluguel, o que facilita bastante, já que ainda não estou concursada. Para mim está sendo um momento individual gratificante, tenho feito alguns cursos *online* e coisas do meu interesse. Tenho tentando me adaptar à uma rotina da vida no mato: acordar cedo, molhar as plantas, cuidar do solo etc... Este momento está sendo de grande reflexão pessoal, que no futuro irá gerar grandes frutos de ideias que tenho criado.

Sophie - No início foi complicado, pois eu me mudei de casa no início da pandemia e tive que me adaptar à um espaço totalmente novo, sozinha, isolada... Eu tive crises de pânico, alterações de humor extremas, por conta da terapia hormonal. Mas hoje já se passaram alguns meses e nesse tempo eu aprendi a lidar melhor com meus pensamentos, meus medos, meu corpo e estou me sentindo melhor. Foi necessário eu estar sozinha por todo esse tempo para

enfim me entender melhor e refletir sobre tudo. Muitas coisas mudaram aqui dentro de mim e eu estou feliz com essas mudanças, me sinto mais forte e ainda mais preparada para voltar a encarar a sociedade e o *cistema* no fim de tudo isso.

12) [ROF] Suas palavras finais.

Lamar - Obrigada pelo convite, espero que tenha sido útil!

Raphaely - Gostaria de agradecer à Revista por buscar o debate de um tema que vejo como um caminho para equidade social. Gostaria de agradecer também o convite pessoal da Editora-chefe para a construção dessa entrevista com perguntas que se adequavam a realidade desta categoria, isto é, ouvir de fato a demanda da população quando é convidada uma pessoa que vive a realidade para construção deste artigo. Penso que se tivéssemos mais iniciativas como essa, que dão visibilidade a um debate que é tão pouco feito, teríamos uma redução significativa da violência contra pessoas transexuais.

Sophie - Conhecimento é a chave para um mundo mais tolerante. Negar-se ao conhecimento e contribuir para a ignorância só faz regredir mais, e aí teremos mais perdas do que já temos. Todo esse medo e ódio e discursos embasados em *fake news*, passagens bíblicas, ou preconceito só nos afunda cada vez mais. Deveríamos aproveitar nosso acesso ao conhecimento e aprender mais sobre o que não sabemos antes de levantar o dedo para fazer mal a alguém, simplesmente porque você não o compreende e tem para si que aquilo não é “certo”. Tente se importar em saber o que realmente é o certo através do conhecimento antes de agir por pura ignorância, é a única coisa que nos transforma de verdade.

Donas do futuro

(Lupita Amorim)

as travestis tão construindo um futuro maneiro
vamos ter vida, dinheiro, amor, casa, carteira assinada
e nem falo de conquistar o Rio de Janeiro

trabalhando duro para superar todos os machos, esses que são medíocres
no auge do privilégio não entenderam ainda que o topo pertence as travas
e eles não dão palpite

e elas mais do que nunca tão vindo buscar o que é delas
e da luta eu não abro mão
pra mostrar o que as minhas irmãs fizeram lá atrás não foi em vão

não abaixaram a cabeça pra ninguém que ousou tentar nos parar

pra mais um dia gritar
um espaço pra mim e pras minhas conquistar
mudar a válvula apenas num estalar
dedos cheios de desejos de vingança pelas minhas
que morreram sem poder conquistar!

Nota da Edição. Entre o período de recebimento deste e sua publicação, duas de nossas entrevistadas sofreram violência física e ameaças de morte. Tudo foi testemunhado e as provas contra os agressores são amplas. No entanto, como observado aqui, a transfobia estrutural que causa violência contra pessoas trans raramente é punido no Brasil. Essas pessoas são desumanizadas devido à sua identidade de gênero, pois existe uma norma de gênero imposta em nossa sociedade, a heterocisnormatividade. Tudo e todos que fujam dessa normatividade gera uma questão social sensível, com frequência expressa em forma de preconceitos, medo, repulsa, *bullying*, abandono, isolamento, falta de afeto, marginalização, mais violência e morte. Reafirmamos nosso compromisso com a equidade, com a justiça e a favor da diversidade. Por uma vida digna a tod@s.

Ficamos muito agradecidos pelas participações de todas. Agradecemos a colaboração de Raphaely Luz na elaboração das questões e na condução da entrevista com algumas das nossas entrevistas.